

O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO REMOTO: Reflexões a partir das vivências do Estágio Supervisionado em Geografia com estudantes do Ensino Médio

Maria Edwirges Gomes da Silva¹
Josandra Araújo Barreto de Melo²

INTRODUÇÃO

Na atual conjuntura, as novas lógicas do mundo globalizado e pós-moderno têm repercutido de forma (in)direta no cotidiano das pessoas na sociedade. Compreender criticamente o espaço geográfico, portanto, é uma condição primordial para a atuação cidadã dos indivíduos nele. Nessa perspectiva, a Geografia assume, atualmente, um papel fundamental na educação escolar que compreende o desenvolvimento do raciocínio espacial e do pensamento geográfico dos estudantes.

Importa-nos frisar, aqui, que, ao passo em que a educação escolar pode ser concebida como uma ferramenta de emancipação e libertação (FREIRE, 1967), pode também ser encarada como um instrumento ideológico de dominação das classes sociais. Diante dessa explanação, defende-se, nesta escrita, a concepção emancipatória e progressista da educação e, especialmente, da Geografia escolar, entendendo que esta pode ser um importante meio para a formação de indivíduos críticos e reflexivos sobre a realidade sócio-espacial que os circunda, especialmente no atual contexto da Pandemia.

Neste trabalho, portanto, pretende-se refletir sobre o papel do ensino de Geografia no contexto de Ensino Remoto para a formação dos estudantes em face do cenário mundial de pandemia. Para isso, consideram-se as possíveis discussões que podem ser endossadas nas aulas de Geografia com estudantes de Ensino Médio. Nesse sentido, toma-se por base as vivências e as ações decorridas do desenvolvimento do Estágio Supervisionado em Geografia III, componente obrigatório do curso de formação inicial de professores de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, campus I.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, mariaedwirges109@gmail.com.

² Professora Doutora lotada no Departamento de Geografia, Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, ajosandra@yahoo.com.br.

A Geografia escolar e seu papel na formação de cidadãos críticos-reflexivos

No atual momento da globalização, a Pandemia imprime e reafirma novos arranjos na dimensão espaço-temporal da sociedade, o conjunto dessas relações socioespaciais revelam a dinamicidade do espaço geográfico e seu caráter contraditório. Dessa forma, a compreensão do mundo, que se demonstra cada vez mais complexo, demanda reconhecer o lugar enquanto síntese das relações globais e locais, isso porque:

(...) a globalização materializa-se concretamente no lugar, aqui se lê/percebe/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. o mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem todavia anularem-se as particularidades (CARLOS, 2007. p. 14).

Ademais, de acordo com Cavalcanti (2003, p. 90):

Na concepção histórico dialética, o lugar pode ser considerado no contexto do processo de globalização. A globalização indica uma tensão contraditória entre a homogeneização das várias esferas da vida social e fragmentação. Por ser assim, a compreensão da globalização requer a análise das particularidades do lugar, que permanecem, mas que não podem ser entendidas nelas mesmas. O que há de específico nas particularidades deve ser encarado na mundialidade, ou seja, o problema local deve ser analisado como problema global, pois há na atualidade um deslocamento (no sentido de deslocar) das relações sociais.

Diante da complexidade do mundo atual e do papel da escola nesse cenário, o ensino de Geografia deve ser (re)pensado a fim de superar o caráter conteudista e monótono de descrição dos lugares, historicamente construído na Geografia. Trata-se, portanto, da necessidade de abrir espaço para os questionamentos e problematização da realidade, social e espacial, fato que nos direciona para o alcance dos objetivos reais dessa disciplina escolar, de modo a proporcionar aos estudantes a leitura e compreensão do mundo e o desenvolvimento do raciocínio espacial geográfico, fundamental para compreensão do espaço geográfico, dos fatos e fenômenos que o tangenciam, e da realidade cotidiana experienciada pelos discentes em suas práticas sociais.

Dessa maneira, o ensino de Geografia em tempos de Pandemia, de adoção do ERE e em um contexto histórico elucidado por crises econômicas, ambientais, políticas e sociais, as quais vêm, cada vez mais, ocorrendo mundialmente, deve potencializar seu importante papel na formação das crianças e dos jovens na educação básica, buscando

formá-los para atuar, enquanto cidadãos, diante dessa realidade, do ponto de vista crítico, e para isso, cabe ao professor de geografia uma difícil tarefa, visto que:

O professor de Geografia tem a necessidade de desenvolver o raciocínio crítico do aluno, porém, ao mesmo tempo, de fornecer-lhe um conjunto de informações fundamentais para ele entender o mundo. Ele não pode, de modo algum, passar uma visão fechada e sectária da vida social, isto é, uma explicação pronta e acabada da realidade, o que iria significativamente contra o desenvolvimento do raciocínio crítico (MORAES, 2002. p.14).

A Geografia escolar na contemporaneidade possui, portanto, um papel primordial na educação de indivíduos para a compreensão do mundo e de si mesmos, enquanto sujeitos ativos no espaço geográfico, ou seja, no despertar para a consciência do espaço e de seu papel nele. Desse modo, geografizar o espaço para formular conceitos geográficos acerca da espacialidade vivida e dessa forma formar os estudantes para a prática da verdadeira cidadania, isto é, a que liberta através do protagonismo e da luta contra as desigualdades e pelos direitos que nos são furtados, reafirma-se como um exercício fundamental ser desenvolvido pelos professores juntamente com os estudantes nas aulas de Geografia, independentemente do ambiente de ensino e aprendizagem.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho consiste em pesquisa qualitativa, cuja fundamentação decorre de pesquisa-ação realizada no âmbito das atividades formativas do Estágio Supervisionado em Geografia III com uma turma de estudantes matriculados no 2º ano do Ensino Médio da Escola Cidadã Integral Orlando Venâncio dos Santos, localizada na cidade de Cuité-PB.

A pesquisa-ação foi desenvolvida por meio de regência de aulas de Geografia no período de Setembro a Novembro de 2020, ou seja, no cenário de vigência do ensino remoto na escola lócus de pesquisa. Para tanto, ocorreu mediante o uso de recursos digitais e tecnológicos que possibilitaram o contato virtual e a interação entre estagiário, escola, professores e estudantes diante do distanciamento físico e geográfico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao discutir a geopolítica e o ensino da Geografia Giroto (2011, p. 146) considera que, “[...] Os conhecimentos geopolíticos não servem apenas para leitura de 19

fenômenos mundiais. O aluno deve compreender que as relações entre o poder e o território estão presentes cotidianamente”. Assim, quando tomamos como referência o espaço conhecido pelos estudantes há a possibilidade de aproximar a disciplina escolar à realidade deles, e nesse sentido, o estudo do lugar possibilita despertar uma série de reflexões e questionamentos que, para a Geografia, tornam-se muito proveitosos, em se tratando de uma ciência que se dedica a desvendar o mundo.

Não obstante, o ensino de Geografia no Ensino Médio no contexto remoto demonstrou a urgência da necessidade de buscar o alcance de um dos principais papéis da disciplina escolar na formação desses jovens: a formação do cidadão crítico e reflexivo. Entender a Geografia como apenas mais uma disciplina do currículo escolar, sem aplicação na vida cotidiana, é um dos empecilhos percebidos e que precisa ser desconstruído tendo em vista que permanecendo desta forma a Geografia escolar estará colaborando com os interesses hegemônicos de reprodução das classes sociais, de preparar os jovens para trabalhar nessa realidade perversa.

Quanto a isso, pondera-se que o professor é a chave para a alteração desse cenário, pois, “não há sistema de ensino adequado que não seja calcado na figura do professor. Não há boa educação sem um bom professor” (MORAES, 2002. p. 22). E nesse sentido, foi planejado juntamente com a professora supervisora estratégias didático-metodológicas para serem utilizadas nas aulas síncronas de Geografia, a fim de amenizar os principais desafios tanto para os discentes quanto para os docentes.

A partir dessas reuniões, foram elaboradas duas sequências didáticas, sendo uma sobre a temática de Indústria, Comércio e Serviços e outra sobre a temática de Geopolítica mundial. Ambas sequências foram planejadas a partir dos direcionamentos e das competências estimadas pela atual Base Nacional Comum Curricular (2017). Contudo, privilegiou-se por uma perspectiva crítica em relação a este documento norteador, tendo em vista o caráter político e ideológico de concepção neoliberal envolto no documento, fez-se, portanto, adequação dos conteúdos e procedimentos metodológicos de acordo com a realidade dos estudantes e buscando articular as escalas de análise geográficas local e global.

Com isso, as aulas ministradas tiveram início em Setembro de 2020, tendo como tema: A Indústria e suas fases. Na segunda aula deu-se continuidade ao conteúdo de Indústria e da classificação das atividades industriais, um fato importante dessa aula é que conseguiu-se um maior diálogo e interação com os estudantes, dada a elaboração de um

quadro com a classificação oral das atividades industriais. Na terceira aula foi abordado as transformações na Indústria e no Espaço geográfico.

A quarta aula deu-se utilizando de metodologias ativas, através da metodologia de Sala de Aula invertida foi construído uma trilha de aprendizagem no Padlet composta por textos verbais e não verbais, vídeos e Podcast fazendo a explanação do conteúdo: A Indústria Cultural. Nesse ambiente virtual de aprendizagem os alunos deveriam seguir todas as etapas da trilha para ter sucesso ao fazer a atividade.

A quinta aula tratou sobre o setor terciário da economia abordando o Comércio e Serviços no mundo, e analisando mapas interativos. A Sexta aula deu início a uma nova sequência didática, nessa aula foi apresentado aos discentes um breve panorama da Geopolítica mundial. Na sétima aula foi visto as modalidades de blocos econômicos, suas características e analisando como a relação entre os países por meio desses pode ser percebida no cotidiano das pessoas, seja em escala global, nacional, regional e local.

Na última aula foi concluído a sequência discutindo sobre os principais blocos econômicos, com destaque para o Mercosul e para a economia brasileira. Ao finalizar as sequências, observa-se que os temas possuem forte potencial para instrumentalização dos estudantes acerca das intrínsecas relações entre economia, política e sociedade, desmistificando conceitos do senso comum e pensamentos errôneos e distanciados da realidade, e aproximando as discussões ao cenário concreto vivido e praticado cotidianamente nas práticas sociais na atual sociedade capitalista.

A importância de compreender como se processam mundialmente as relações econômicas e de poder não se limita aos objetivos curriculares do ensino de Geografia no Ensino Médio. É necessário compreender as relações globais, justamente, porque elas têm impacto direto no lugar vivido cotidianamente das pessoas. Nesse sentido, ainda que pareça distante aos jovens, é importante entender que estamos e somos peças-chave na lógica do mundo globalizado e capitalista.

Isto justifica-se pelo fato de que, entender a globalização, os papéis da OMC, a organização e regionalização dos países em blocos econômicos, do ponto de vista crítico, corresponde também com a compreensão dos porquês de determinados espaços (cidades, bairros) serem valorizados em detrimento de outros, de comprar produtos da China mais em conta do que produtos nacionais, sobre notar a presença de determinadas multinacionais em áreas que afloram a miséria e pobreza, ou tentar problematizá-los, investigá-los e discuti-los, a ponto de entender que estamos diante de uma globalização

que, antes de tudo, é perversa e, devido diante da qual deveríamos lutar “por uma outra globalização”, como apresenta Milton Santos (2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as discussões presentes no escopo deste trabalho, torna-se notório a partir do desenvolvimento do Estágio Supervisionado em Geografia III que ensinar Geografia de forma compromissada com a formação crítica dos estudantes trata-se de uma tarefa difícil no sentido de que despertar nos estudantes o interesse para a compreensão da realidade diante de uma sociedade caracterizada pela informação, na qual as *fake news* sobrepõem o trabalho dos professores, tem sido um tanto desafiador. Porém, mesmo diante dos desafios, é imprescindível manter o compromisso social da profissão e da Geografia escolar e buscar refletir a realidade social, política, econômica, ambiental e cultural em sala de aula, independentemente se física ou virtual.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Pandemia; Ensino Remoto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 20 de junho de 2021.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 4. Ed. Campinas: Papirus, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GIROTTO, E. D; SANTOS, D. A. A geopolítica e o ensino de geografia: estratégias didáticas para a retomada do diálogo. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.3, set./dez. 2011.

MORAES, Antonio. A contribuição social do ensino de geografia. In: OLIVEIRA, César Álvares Campos de et al. (org.). **Anais do ciclo de debates e palestras sobre reformulação curricular e ensino de geografia**. Rio de Janeiro: UERJ, 2002. P.9-23.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

